

## OS USOS POLÍTICOS DO DESENVOLVIMENTO NO BRASIL: CRISE E DISPUTAS ANTES DAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE 2018<sup>1</sup>

Guilherme F.W. Radomsky (UFRGS, Brasil)

### Resumo<sup>2</sup>

Neste artigo examino eventos relacionados às eleições de 2018 no Brasil em sua fase pré-campanha observando como as disputas sobre as orientações na política econômica servem de apoio a candidaturas. O objetivo é demonstrar como o crescimento econômico do último ano tem sido discursivamente disputado e, mesmo inexpressivo, é ponto de conflito no período pré-eleitoral. Desenvolvimento, em um momento de tensão, pode significar muitas coisas e atua na política performatizando relações, sugerindo também sua possibilidade para encenações de poder por atores que perseguem visibilidade. Por se tratar de uma investigação sobre o panorama brasileiro e não localizado a um território específico no país, fiz a escolha de diversas fontes midiáticas para a análise, com foco para plataformas na web de conhecidos jornais do país e com a disputa do executivo federal em questão. São examinados depoimentos de pessoas do mundo político brasileiro em várias fontes e a opção pelo período pré-campanha objetivou entender o processo que aos poucos foi articulando pessoas, ideais, lemas, partidos e como o assunto ‘desenvolvimento’ também se aqueceu como tema de eleições. Atores do governo (federal) apostam em uma rede de relações discursivas em torno da “recuperação do crescimento”, com discursos que se pretendem ter lastro em dados econômicos e estatísticos; opositores constituem suas argumentações em torno do “desenvolvimento” brasileiro nos governos anteriores ter sido perdido ou que algo radical deve ocorrer. No caso governista se percebe uma tendência ao argumento técnico mesmo que os indicadores econômicos estejam com variações no período, e focado no empresariado como agente principal. No caso dos grupos considerados mais à esquerda, o efeito é articular desenvolvimento e um caráter “social” e/ou estatal das ações públicas. Há, portanto, clivagens e atores elegem suas propostas de desenvolvimento, tendo efeitos no modelo de país desejado e entrelaçam-se práticas de governo, técnica e política. Crises emergem e intervenções se apresentam como soluções articulando autoridade, ordem e seus efeitos no combate à corrupção e na alavancagem da economia. O desenvolvimento se apresenta, então, como uma linguagem disseminada e iniciativas liberais, estatistas ou autoritárias se valem de sua capacidade mobilizadora. Observa-se que, sendo polissêmico, desenvolvimento pode ser mote para vários tipos de ação e, ainda que possa despertar sentimentos e anseios de “progresso”, muitas das vezes é ponto crítico para desencadear mudanças conservadoras.

Palavras-chave: eleições; desenvolvimento; discurso.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na **31ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> O trabalho recebeu apoio financeiro da CAPES/PROEX.

## 1 Introdução

Até o golpe de 2016, a mídia comercial e de maior alcance no Brasil esteve voltando sua atenção intensamente ao problema da crise econômica e da “necessidade de voltar a crescer”. Tanto jornais como televisão ou rádio o tema da recessão era uma das prioridades e, como num ato mágico, logo após a queda da presidente Dilma, alguns dos veículos começaram a mencionar uma “lenta recuperação”. Globo News e Jornal da Band foram os meios pelos quais mais expressivamente circulou, ainda em 2016 (mas crescentemente nos dois anos seguintes), a ideia de que o Brasil vinha retornando a um caminho de desenvolvimento.

De outro lado, em agosto de 2017 Lula iniciava a sua nova Caravana, começando pelo Nordeste do Brasil. Na época, com apoio de sete dos nove governadores (mas com oposição de muitos prefeitos nordestinos), Lula circulou pela região e, numa ocasião ainda no princípio, disse: “Eles sabem que, quando nós ganhamos a Presidência, a gente tinha disposição de provar que um outro Brasil era possível. E que era possível colocar meninas e meninos negros da periferia em uma universidade”, conforme expressou o próprio website do PT em 17 de agosto de 2017. Correndo por outras vias e linguagens, Bolsonaro e Marina sustentavam discursos dissonantes e se utilizavam muito periféricamente do problema do pífio crescimento econômico da economia brasileira nos últimos anos.

Observando estes movimentos, temos a impressão que estavam perfilados parte dos principais conflitos e clivagens que se enfrentariam na eleição de 2018. Não foi exatamente o que ocorreu porque a campanha eleitoral de 2018 se afastou do tema da economia, mas esta teve importância no momento que preparou as candidaturas. Em parte, o governo federal buscou alicerçar a retomada do crescimento econômico e jogar com isto no contexto político. Neste artigo, examino estes conflitos que envolvem os usos e a polissemia do termo “desenvolvimento” nos momentos anteriores à campanha eleitoral e com foco no governo de Michel Temer e no seu principal agente para tal: Henrique Meirelles. Examino eventos relacionados às eleições de 2018 no Brasil em sua fase pré-campanha observando especialmente como disputas sobre orientações na política econômica servem de apoio a candidaturas – tendo também nos atores externos ao governo como pontos que demonstram correlações de forças e jogos discursivos.

Meu objetivo é demonstrar como o crescimento econômico do último ano tem sido discursivamente disputado e, mesmo inexpressivo, é ponto de conflito. O governo procurou organizar parte de sua fortaleza na recuperação da economia e isto envolveu trabalhar diferentes aspectos do desenvolvimento ao longo do tempo.

Desenvolvimento parece poder significar muitas coisas e joga na política performatizando relações, sugerindo também sua possibilidade para encenações de poder por atores que perseguem visibilidade.

Palmeira e Heredia (1995), como uma das inspirações deste trabalho, mostram a importância das clivagens e facções, e como o tempo de política (tempo de eleições e que antecede) envolve formação ou reconstituição dos apoios a candidaturas. Seria a Caravana de Lula iniciada em 2017 um dos marcadores do tempo da política para a eleição de 2018? Cabe lembrar também que este marco deu início a outras viagens de pré-candidatos e naquele instante parece que o falar sobre a eleição se tornou crucial, inclusive como interpelação à sociedade. Mas se trata, claro, de um processo e, tal como Turner (2008) afirmou, aqui dou ênfase ao tornar-se (*becoming*) como fundamental para análise antropológica. A pesquisa mostra que a cada semana eventos puderam abalar a segurança do curso a percorrer ou consolidar certas posturas. Ainda que seja sempre sedutor ver nos momentos já vividos elementos para mostrar que fatores contribuíram para “ganhar ou perder eleição”, resta ter no trabalho de Goldman e Cruz da Silva (1999) como precaução: fatores que podem ser verbalizados como garantidores de vitória são com frequência usados igualmente para explicar fracassos eleitorais. Evidentemente, esta explicação não é assunto deste texto, ainda que os resultados do pleito (no 1º turno da eleição presidencial) não sejam evitados.

Sahlins (1981) teve a lucidez de compreender que a cada evento de magnitude a ordem simbólica é passível de ser reestruturada, mas também que certos acontecimentos, ainda que relevantes quando ocorrem, apenas alteram certos aspectos conjunturais (Sahlins, 2006). Para tal tomo o desenvolvimento como sendo de tal maneira incrustado no pensamento político (e acadêmico) brasileiro: a cada eleição, acontecimentos e coalizões podem reascender tal devassa sobre o desenvolvimento como um problema nacional. Por isso sua constante relevância em tempos de política recoloca capacidade de usos e articulações, particularmente em momentos de tensão (a este respeito, ver Dawsey, 2009).

Por se tratar de uma investigação sobre o panorama brasileiro e não localizado a um território específico no país, fiz a escolha de diversas fontes midiáticas para a

análise, com foco para plataformas na web de conhecidos jornais do país. Folha de São Paulo, Estadão, O Globo, Correio Braziliense, Correio do Povo, Jornal do Brasil e Valor foram os mais lidos, sabendo-se das implicações das fontes “convencionais”, comerciais e muito disseminadas pelo Brasil. Propositadamente esta foi a escolha, justamente por dar enfoque aos veículos que podem circular mais. Além destes, outras fontes eventuais também foram utilizadas (sites de partidos e alguns telenoticiários para apoio de análise assim como eventualmente a mídia ninja como contraponto). A seleção girou em torno de depoimentos de políticos ou pessoas no cenário político nas mídias (pré-candidatos, apoiadores, ministros, secretários) e também das notícias dos próprios jornais. Ressalto que a seleção também ficou restrita ao plano de disputa do executivo para governo federal e a opção pelo período pré-campanha objetivou entender o processo que aos poucos foi articulando pessoas, ideais, lemas, partidos e como o assunto ‘desenvolvimento’ também se aqueceu (e esfriou) como tema de eleições. (Por opção, notas relativas à discussão e análises estão em pé de página; notas de fontes foram organizadas no fim do texto). Ciente das limitações de uma pesquisa voltada a documentos ou de textos muitas vezes anônimos, entendo que a antropologia não tem evitado tal tarefa, e ótimas análises ao longo do tempo têm mostrado opções metodológicas relacionadas.

É o caso do recente artigo de Kopper e Damo (2018) em que fazem uma incursão etnográfica através da vida pública de pessoas relacionadas à expressão ‘nova classe média’ no Brasil. Composições e alinhamentos de discursos organizaram o surgimento desta nova classe no cenário político e econômico e é nas falas e textos de personagens públicos que se observa sua magnitude. Vale acrescentar a análise de Sahlins (2006) sobre o menino cubano Elián Gonzalez, encontrado no mar entre Cuba e Flórida, é particularmente interessante. Utilizando muitos jornais como fonte de contendas e de acontecimentos, o autor pode tornar tal compreensão do ocorrido com a densidade que geralmente se espera de uma boa antropologia (evidentemente esta não é uma garantia neste trabalho). Existem várias outras iniciativas em direções aproximadas e é o caso, por exemplo, de estudos de Talal Asad sobre religiões e secularismo; o conhecido estudo de Turner (2008) sobre Hidalgo e o processo político em que se envolveu historicamente; de Damo e Oliven (2013) a respeito da teia de eventos para

escolha do Brasil para sede da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016; e as etnografias de arquivos, tal como a já também conhecida de Cunha (2004)<sup>3</sup>.

## **2 Os pretensos consensos em torno do desenvolvimento**

O tempo da política (Palmeira e Heredia, 1995) demarca igualmente uma abertura a comportamentos não exatamente faccionais, mas eventualmente vinculados a tal; trata-se do que Villela e Marques (2002) chamam do tempo de pedir coisas. Eleitores sabem que certos momentos são bons para pressionar políticos e futuros candidatos. Assim também é o tempo do que Kuschnir (2000) denominou de 'humanização do produto', o que os partidos oferecem ao eleitor e como trabalham, tema que voltarei logo adiante. A caravana de Lula iniciada em 2017 foi importante nestes dois aspectos, e observamos os grupos de apoio ao ex-presidente testemunhando a seu favor, demonstrando lealdade, querendo 'coisas'. Não é finalidade deste artigo se voltar à própria caravana, mas é claro que chama a atenção como ela reencena as caravanas da cidadania dos anos 1990 capitaneadas pelo próprio Lula. Como encenação do que fez sucesso, a possibilidade de estar novamente nos recônditos do país, agora a questão estava em apontar para aquilo que foi feito nos governos do PT e que estava em risco de se perder: universidades, institutos federais de educação, políticas sociais, crescimento do emprego; um desenvolvimento quiçá com uma “cara” social. O problema da encenação do poder (Balandier, 1982) pode ser frutífero para análise, e Barreira (1998) examinou a dimensão ritualística da caravana.

Outros possíveis candidatos também começam a andar pelo país, por exemplo Marina Silva e Jair Bolsonaro, a primeira com atenção midiática não tão significativa neste início. Bolsonaro, como sempre polêmico, despertava receio de suas atitudes radicais e a atenção da mídia foi crescente. Mas cabe mesmo ressaltar que foi Henrique Meirelles, então ministro da Fazenda do governo de Michel Temer, que mais ganhou visibilidade e também esteve presente em várias partes do Brasil em certos círculos (particularmente com empresários). Rancière (2005) bem observou que política tem muito a ver com quem é visto e quem fala, assim como Geertz (1997) havia mostrado as performances que sinalizam o centro do poder. Não se trata da figura Meirelles chamar

---

<sup>3</sup> Há um grande número de trabalhos nesta direção metodológica e em estudos de antropologia da política também, tais como os de Chaves (2004), Giumbelli e Bosisio (2010), Bonelli (1996) e Oro e Carvalho (2015).

a atenção, muito menos se comparado a Bolsonaro e Lula. É claro que neste caso temos um fator crucial, que é a atenção 'natural' que a mídia dá ao governo e simultaneamente tanto o ministro como o presidente Temer ensaiavam candidaturas, num vai e vem recorrente sobre quem seria o representante governista na eleição de 2018. Redes de apoiadores locais se tornam centrais nestes momentos, com empresários, governadores, prefeitos, outros políticos e eventuais eleitores agindo e demarcando as cenas e as clivagens. Similar à primeira candidatura de FHC à presidência nos anos noventa, o ministério da Fazenda é bom exemplo de centro do poder.

Tanto no caso de Lula como de Temer ou Meirelles estamos em face da busca por atrelar candidaturas ao desenvolvimento do país, cada qual num modo muito distinto e que, ainda assim, falavam com linguagens semelhantes. Como Temer e Meirelles (e outros atores da equipe econômica do governo em questão) são o pivô da análise aqui, importa sempre compreender suas ações e projetos na correlação de forças com outros atores – por essa razão que pontos de vista conflitantes ou críticas são geralmente baliza dos fatos ao longo do texto. E não é o caso de dizer que este é ou era o motivo principal das campanhas, e sim ver como esse ponto era tomado como crítico assim como alguns outros (no caso, o tema da democracia e da liberdade de Lula eram centrais).

Temer e Meirelles – assim como o séquito de seguidores, apoiadores, políticos amigos e relacionados – apostavam as fichas na recuperação da economia, afirmando esta ser uma realidade incontestável e que os dados estatísticos confirmavam. Crescimento do nível de emprego, retorno do desenvolvimento. Para o grupo dos opositores num espectro mais à esquerda a questão do desenvolvimento aparecia com outros qualificativos (social, inclusão, programas sociais de governo). Aqui temos, então, um ponto relevante: como polissêmico, desenvolvimento se presta para muitas definições, e fica ao sabor do jogo político articular com quais elementos para dar o sentido que se deseja<sup>4</sup>. Falar sob certas condições, articular frases e imagens, discurso e silêncio, tudo isto relaciona-se ao que Balandier (1982, p. 12) escreveu: “[...] o que permite ao discurso político ter um conteúdo fraco ou repetitivo, pois o que importa é a maneira de dizer e de ser ambíguo; a polissemia assegura interpretações múltiplas e de audiências diferentes”. Desenvolvimento pode juntar pessoas em torno de pretensos consensos (“todos querem o desenvolvimento do país”) e criticar a própria ideia de

---

<sup>4</sup> Questões de polissemia que também apareceram nos estudos críticos do desenvolvimento, tais como os realizados por Esteva (1992) e Rist (2007).

desenvolvimento não é fácil em tempos de eleição; ocorre que então o termo pode ocultar dissensos importantes (“qual desenvolvimento?”, “desenvolvimento para quê(m)?”). Em tempo de política, a linguagem em torno do desenvolvimento pode ser um tanto confusa.

### **3 Meirelles e Temer: as apostas na recuperação da economia**

Desde antes desta corrida presidencial inicial, tanto o presidente como o ministro da fazenda vinham tendo muito espaço na mídia e em particular ao último quando se tratava de assuntos relativos à economia. Pode-se dizer que parte do foco de ambos foi atrelar o esforço do governo à sua recuperação. Meirelles parecia não ter outro objetivo, relacionando esta melhora a reformas, privatizações e planos específicos que eventualmente abordarei. Curiosamente o próprio conjunto de aliados ou próximos corroborava tais intenções, pois em reportagem do Correio do Povo em agosto de 2017, Ciro Nogueira (senador pelo PP) afirmou que ele só seria candidato se viabilizasse a economia deslançar. Contudo, na mesma matéria a desconfiança em relação a seu potencial político já era prenunciada: “Batizado Homem de mercado, amigo de empresários e banqueiros, Meirelles não tem desenvoltura política e sua “campanha” ainda é tímida. O ministro nunca fala em eleição nas reuniões econômicas, mas fora de Brasília veste um figurino de candidato.”<sup>i</sup>

Em entrevista ao O Globo em 23 de dezembro, o então ministro destaca seu papel no momento: “Não sou candidato, não estou em campanha. Minha prioridade total e foco é no ajuste da economia. Evidentemente que, caso venha a tomar uma decisão lá na frente, aí vou pensar. No momento estou 100% dedicado ao sucesso da recuperação da economia.[...] No momento, penso em consolidar a trajetória de crescimento, aprovar as reformas fundamentais.”

Quais mecanismos seriam acessados para as metas antes expostas? Em 22 de agosto de 2017, o mesmo O Globo diz que governo prevê 58 privatizações, além da Eletrobrás. No Estadão, aparece a notícia enfatizando que a Eletrobrás, assim, será muito mais moderna. Esta mesma semana governo anuncia pacote de privatizações.

Faz sentido destacar que desde 2016 o governo tem objetivos nesta linha de ação e para tal plano o documento Ponte para o Futuro, do governo Temer, coloca a missão:

Executar uma política de desenvolvimento centrada na iniciativa privada, por meio de transferências de ativos que se fizerem necessárias, concessões

amplas em todas as áreas de logística e infraestrutura, parcerias para a oferta de serviços públicos e retorno a regime anterior de concessões na área de petróleo, dando-se a Petrobrás o direito de preferência<sup>5</sup>.

O próprio título-lema do documento não pode nos escapar. Intuem-se umas ideias básicas que orientam o pensamento Ocidental. De um lado, a visão de plano como ‘ponte’, que recorre à metáfora do alcance superando um obstáculo; de outro, a proposta de construir um futuro e a visão linear progressiva de tempo, mas que do ponto de vista político requer agência e escolha certas.

Em visita à China em setembro de 2017, gigante asiático mais cobiçado para relações comerciais e de investimento do momento, Temer discursou: “Sei, tenho a mais absoluta convicção, pelos encontros que tive nesses dois dias aqui na China, com as autoridades que gentilmente nos receberam, que a China continuará ao lado do Brasil, neste momento em que voltamos para o trilho do desenvolvimento.”<sup>ii</sup> Não importa tanto neste caso que seja a China ou outro país, mas que o trilho do desenvolvimento *já tenha sido retomado*, nas suas palavras, e que a estratégia de abrir as portas para investimento internacional o caminho. Observemos como aparece aqui a boa interpretação de Comerford (1999) sobre as falas políticas que transitam entre o uso do “eu” e do “nós”.

O clima também esquentava quanto ao acirramento do debate e as denúncias contra o presidente. Para tal, Temer respondeu em algumas situações sugerindo que a inflação nunca havia sido tão baixa nos últimos anos e que o aumento do poder de compra do salário mínimo era real (não era, claro, a única resposta, mas ela sugere a relevância em não se perder o caminho da recuperação econômica). Temer escapou do afastamento e da investigação da Procuradoria Geral da República pela segunda vez com boa votação a favor dele no Congresso. Soube-se na mesma semana que logo que isto passasse iniciariam os trâmites novamente para a reforma da previdência.

Enquanto a economia fornecesse ganhos políticos ao governo as coisas poderiam andar bem, embora essa relação nunca foi automática. Se em 4 de dezembro de 2017 o Estadão veicula que a economia mostrava sinais de melhora e a taxa de juros se encaminhava para níveis mais baixos, favorecendo o investimento; este era lento e os índices de aprovação do governo não eram bons. A taxa de juros, em particular, também

---

<sup>5</sup> Uma longa reportagem de Barbara Libório do site UOL fez um balanço do documento. Temer teria cumprido três de 13 metas de governo expostas no Ponte para o Futuro e em quatro houve falha total. Ver em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2018/05/12/em-dois-anos-temer-falha-em-4-de-13-promessas-e-cumpre-integralmente-3.htm>

mostrava preocupação com demandas de empresários. Em matéria na Folha de São Paulo<sup>iii</sup> de 8 de dezembro, escrita por Julio Wiziack e Mariana Carneiro, lê-se:

O presidente Temer está lançando uma série de medidas que atende o setor empresarial e busca acelerar a geração de empregos e ampliar a percepção de retomada da economia, carro chefe da campanha governista na eleição de 2018.

Seguem os autores concluindo que trata-se de um “*pacote de bondades*” para o setor empresarial. Ainda segundo Wiziack e Carneiro para a Folha, “o governo decidiu focar em segmentos que são grandes empregadores, com o objetivo de acelerar os efeitos da retomada para antes de março [...]”. Começa a ficar mais evidente que a intenção era obter efeitos de dinamização da economia antes do período de campanhas eleitorais de 2018, além de se voltar ao setor privado.

E isto não era feito somente por meio de taxa de juros ou crédito. Em pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV, Michel Temer falou (sugestivamente na noite de 24/12) mais uma vez focado em economia, agora a reforma da previdência. Como não se pode ignorar, as reformas teriam impacto no empresariado, mas a da previdência orientava-se para o tema da diminuição do Estado. Então, afirma que ela “não é ideológica ou partidária e sim para o futuro do país”<sup>6</sup>.

E então, se Lula circulava pelo país, na mesma cena política do presidente era Meirelles quem não ficava atrás, porém com público distinto, com antes sublinhei. No início de janeiro de 2018, falou à plateia de milhares de evangélicos da Sara Nossa Terra, mas com discurso sintonizado ao que vinha realizando. “Saímos da maior crise da história do Brasil”. Inflação alta que prejudicava “principalmente os mais pobres”. “A economia ao invés de crescer estava indo para baixo”. O governo fez “coisas básicas, que significa colocar a economia em ordem [...] fazendo com que o Brasil possa crescer”<sup>iv</sup>. Cerca de uma semana depois, o mesmo jornal citou que para Meirelles o país terá criado 2,5 milhões de postos de trabalho no ano: “A população, por um lado, está muito esperançosa com o crescimento [econômico]”<sup>v</sup>. Cabe recuperar aqui que não sabemos exatamente como ele próprio capta o sentimento de esperança, especialmente “da população” (do Brasil todo?); o que certamente compreendemos é sua vocação ao ideário do crescimento econômico. Esta lembra aquela máxima de Ruth Benedict, citada por Sahlins (2006), para quem que a última coisa que um peixe inteligente faria seria

---

<sup>6</sup> Não é surpreendente como se alia tão bem ao que Gustavo Lins Ribeiro (2008) escreveu sobre o desenvolvimento no mundo ocidental desejar se projetar sempre acima das ideologias?

nomear a água. O crescimento econômico e o desenvolvimento como intrínsecos ao ser humano são tão “naturais” para o então ministro que parece difícil se colocar fora para ver outra coisa.

Nesta alternância de falas e aparições, mais uma relevante no campo internacional foi quando Temer, em discurso no Fórum Econômico de Davos, deu mais dicas sobre os mecanismos perseguidos: “O Brasil que vai às urnas em outubro sabe que a responsabilidade dá resultados. Os principais atores políticos convergem que não há alternativa para a agenda que está promovendo”<sup>vi</sup>. Mais adiante na fala ele destaca os pilares do governo: responsabilidade, diálogo, eficiência, racionalidade e abertura.

A Folha disponibilizou na mesma página o discurso integral do presidente na Suíça e no final da fala ele teria concluído: “Nosso país saiu mais forte da crise e retornou ao trilho do desenvolvimento”. Perceba, leitor, que a repetição importa. O trilho, signo de possibilidade de movimento e rota, conduzindo ao desenvolvimento, dando novamente o veredicto de já estar lá. Ao longo desta pesquisa, a palavra desenvolvimento aparece muitas vezes, mas aparentemente menos que ‘crescimento’, mais repetida por Meirelles. Mesmo assim, comparando esta com outras falas de atores do governo se compreende como se assume o desenvolvimento como resultado não bem definido de uma série de quaisquer ações que possam ser intuitivamente “boas” – crescimento, empregos, racionalidade, eficiência, reformas, responsabilidade fiscal... Bom, e as políticas sociais?

Mais ou menos em fevereiro de 2018 que se começa a ver uma ação mais incisiva do governo em aliar o tema da recuperação da economia com políticas sociais, que até então na mídia ficou em segundo plano, pois os incentivos empresariais, as reformas (previdência e trabalhista), o teto de gastos públicos e as privatizações eram assuntos da agenda semanal. Mais recursos para Minha Casa Minha Vida, inovações no Prouni, promessas para o Bolsa Família e outros programas sinalizavam a necessidade desta articulação. Cabe recordar que em meados dos anos 1980, Teresa Caldeira (1984) já havia mostrado que no Brasil ocorre a sensação para as classes mais baixas que governar bem é fazer algo para os pobres. Tendo declarado ao jornal Valor que o Brasil ainda é um país pobre e que não se poderia deixar de fazer duas dimensões convergirem: “São dois vetores: as contas públicas e o programa social. Não pode deixar de promover o bem estar do povo.”<sup>vii</sup>

Para os objetivos neste texto, o que resalto é que a relação entre estas *variáveis* é *variável*, justamente por isto que se o assunto de recuperar a economia antes havia

enfocado bem o empresariado, a privatização e as reformas, um tempo depois era preciso acionar a melhoria da vida com as políticas sociais ao “povo”.

Entre fins de 2017 e início de 2018 continua-se com notícias de certo crescimento dos postos de trabalho e das atividades produtivas, mas em primeiro de março o governo poderia se animar mais: o site UOL e o Correio do Povo veiculam o crescimento do PIB de 1% em 2017 conforme dados oficiais. No dia seguinte, Meirelles fala para o jornal Valor<sup>viii</sup> que o crescimento será forte e brasileiro sentirá o efeito. O 1% de 2017 ainda é pouco, o produto caiu bastante, mas o Brasil está no caminho de economia estável e crescimento econômico, comentou. Disse que a recuperação é forte e acelerada, completou. A inflação dá sinais também de queda e as famílias parecem voltar lentamente a hábitos de consumo de antes da crise<sup>ix</sup>. Novamente, estamos diante da situação confusa, mas boa para usos políticos, em que desenvolvimento é um estado (em que já está) e também parece ser o próprio perseguir – estar no trilho e caminhar para um patamar superior.

Quanto à inflação, esta merece um breve destaque. Enquanto Temer durante os meses anteriores fazia esforço por articular as várias “melhorias” que seu governo fez à economia do país ao desenvolvimento, Meirelles dá sinais claros de outro empenho:

O que estava de fato fora do lugar é uma situação em que tínhamos recessão, PIB caindo, desemprego crescente, inflação e juros elevados, não era usual. Agora estamos já com a situação normalizada, *inflação baixa em função de um desemprego elevado, portanto menos pressão salarial*.<sup>x</sup> (itálico adicionado).

Não é nada impressionante aos olhos do economista essa opção entre empregos ou inflação, aqui sendo saudável menor pressão salarial e maior desemprego. Mas não deixa de causar espanto do ponto de vista eleitoral esta naturalidade. Mas é Temer quem alguns dias após insiste na importância do crescimento do emprego ao dizer que mais de 1 milhão de postos de trabalho foram criados. Cabe destacar que a expectativa naquele momento ainda era de crescimento de 3,5% do PIB no ano<sup>xi</sup>.

Ao longo de todo este período que estou analisando, o governo não cessou de enfrentar problemas e revezes, muitos dos quais não poderei aprofundar, mas alguns dos quais serão retomados ao fim. E os problemas eram esperados para um ano como este. A combatida intervenção militar na defesa pública e o assassinato da vereadora Marielle no Rio de Janeiro, acusações de corrupção, investigação de aliados (como o ‘homem da mala’). É claro, o PT e Lula, adversários ideológicos mais pronunciados e também recorrentes na história recente do Brasil, estiveram no mesmo front, alvo de toda sorte

de acusações e julgamentos. Isto sugeria uma crescente radicalização das ações, vários articulistas apontavam preocupações e receio.

É muito importante observar que o governo fazia certos esforços de visibilidade de seus “produtos”, ou como disse Temer em determinado momento, “seu legado”. A veiculação disto na mídia seria crucial. Vários estudos na sociologia e na ciência política tem referido que a mídia não é ator neutro, ela agenda junto a dinâmicas sociais públicas o que se torna assunto eleitoral. Miguel (2004) mostra como as pautas das eleições são influenciadas pelas mídias. Silva e Fernandes (2017) esboçam análise similar para relação com ação coletiva e a disputa de sentido destas, ou seja, as mídias fazem enquadramentos interpretativos e para tal selecionam, recortam, organizam e excluem temas<sup>7</sup>. Um aspecto adicional que vale a pena mencionar é que a cada resultado econômico (relativo ao desenvolvimento ou sua frustração neste ano antes das eleições) várias fontes mencionam de maneiras muito similares. Para Cervi et al. (2012), está em jogo nisto um fato crucial: conteúdos similares de diferentes canais de TV, rádio ou de jornais ajudam a dar confiança à mídia, quem sabe como um agente “independente”.

### 3.1 Clima de pós-carnaval, início de ano e a dança das candidaturas começa...

No início de março o país já tinha onze pré-candidatos, o que mostrava a pulverização e a possibilidade de uma gama de opções ao eleitor semelhante ao que ocorrera em 1989 após a redemocratização. E o site *A tarde*<sup>xiii</sup> publica que Michel Temer informara a aliados da intenção de se candidatar a reeleição, mesmo com aprovação naquele momento de 6% pela população sobre seu governo. Teria dito que é a melhor pessoa para manter o legado de seu governo. Aqui vemos o quanto os vários apelos em torno da recuperação da economia davam sinais de cansaço, e este índice de aprovação tendeu a se manter ou cair. O que valia para o presidente, também ocorria com o ministro da Fazenda. Meirelles estava preocupado com a economia, sim, mas aos poucos mostrava intenções de candidatura e evoca discursos mais amplos, ainda que muitas vezes negasse ou postergasse decisão de disputar. O próprio MDB não tinha a

---

<sup>7</sup> Discussão que também em Biroli (2010) e Rodrigues et al., (2016).

situação clara, e ambos os políticos muitas vezes afirmaram e recuaram sobre as pretensões.

Espero que para o leitor este texto não transmita a ideia de que o único foco do debate sobre a sucessão presidencial passava por promover ou não desenvolvimento e recuperação da economia. Esta é somente a centralidade do artigo, embora o argumento aqui seja de que há relevância (é claro que é preciso observar igualmente o que Barreira (1998) sugeriu a respeito de que as eleições são momentos de possível reconstrução da política. Portanto, prestam-se a discursos voltados a renovação e reerguimento do país). Assuntos outros, tal como segurança pública, por exemplo, era dos mais candentes. Mesmo assim, o governo insistiu na questão anterior e lançou o documento Ponte para o Futuro 2 – e Temer era enfático em dizer “me orgulho do que fiz”. Em outra ocasião, sustentei que alçar candidatura e não focar minimamente no tema do crescimento, da modernização ou do desenvolvimento é como disputar o voto e não projetar e prometer nada (Radomsky, 2017; ver também Barreira, 2017).

Os sinais de cansaço por “bater na mesma tecla” um dia apareceriam. “Em palestra para lideranças empresariais do Rio Grande do Sul, o então ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, avaliou que o crescimento da economia brasileira é vigoroso, mas não transparece ainda devido à profunda recessão que o País viveu nos últimos anos.”, conforme Correio do Povo de 26 de março. Este velho esquema de “antes = ruim; hoje = bom (ou melhor)” pretendia render e preencher os momentos em que os dados econômico-estatísticos contrariavam a impressão dos possíveis eleitores. Neste caso o ministro ainda completou com a frase de que *o país estava deixando de ter voo de pato para ter voo de águia*, mas o sobe e desce da economia não ajudava a dar confiança a isto.

Telenoticiários e jornais pelo Brasil voltavam a mostrar que economia ainda tropeçava. N’O Globo de 29 de março lê-se que recuperação lenta da economia no início do ano frustra expectativas sobre crescimento. Avanço de 3% projetado é incerto ainda para analistas, mostrando quão vagos os discursos do ministro eram. O Correio Braziliense<sup>xiii</sup> mostra que houve crescimento fraco da indústria, embora com certo ímpeto nos primeiros meses de 2018: “[a] recuperação econômica ainda caminha a passos lentos” afirmava a matéria. Mesmo com a queda acentuada e contínua da taxa de juros os resultados são pouco palpáveis. E pior: segundo o Correio do povo<sup>xiv</sup>, desigualdade aumentou em quatro das cinco regiões do Brasil, conforme IBGE, no ano de 2017.

Esta dificuldade da economia deslanchar teve efeitos. Percebe-se ao longo deste período que há uma culpabilização a respeito da crise. Como uma espécie de 2º turno de eleições antecipado – momento em que se sabe ser mais propenso a ataques ao adversário (citar autores) – um jogo de empurra-empurra ocorria, o governo anterior sendo acusado de populismo irresponsável, simultaneamente os partidos PT e aproximados faziam o mesmo com os outros.

E seguem os dilemas, pois em 16 de maio o Jornal da Band veiculou que a economia recua 0,13% no 1º trimestre de 2018 e o governo considera rever previsão Produto Interno Bruto (PIB) para o ano. Tanto foi verdade que o site UOL noticia no dia 22 do mesmo mês que de fato o governo reviu a previsão e estimou o crescimento do PIB mais baixo, agora de 2,97% (última estimativa) para 2,5%. Note-se que a estimativa ao longo do tempo só decresce.

Mas foi na última semana do mês de maio que o governo enfrentou possivelmente o pior momento nesta pré-campanha quando uma greve gigantesca de caminhoneiros paralisa o abastecimento no Brasil. Fato que caberia um artigo só para examinar seus eventos, atores e efeitos, registro aqui que as expectativas de impacto na economia foram expressivas e houve grande dificuldade política em lidar com o problema, pelo menos inicialmente. Majoritários ou não, muitos dos manifestantes não só reclamavam do valor pago a eles pelo frete e também pelo preço do diesel – assuntos centrais da paralisação – mas apelavam junto a isto para uma intervenção militar no país. O governo se viu na necessidade de um pronunciamento em rádio e TV em 27 de maio, domingo à noite, potencialmente com grande audiência, e testemunhamos painéis e cornetas, semelhante ao que ocorrera com a presidente Dilma poucos anos antes. O desgaste do governo se tornou muito maior a partir deste momento.

Duas semanas depois, a Folha<sup>xv</sup> divulga que “situação do país piorou para 72% da população, aponta Datafolha”. Já o Valor veicula que aumenta a inflação e tendência de crescimento PIB baixa pela sexta semana consecutiva.<sup>xvi</sup> (Em 20 de julho a revisão seria ainda mais dramática, indicando que a equipe econômica considerava agora passar de previsão de crescimento de 2,5 para 1,6%, conforme Uol Notícias).

Temos, então, uma situação de grande apelo discursivo, muitos usos da fala por parte de pessoas chave no governo federal em que crescimento, desenvolvimento, recuperação da economia eram costurados, mas os dados indicavam (e indicam) problemas neste “plano de voo de águia”. Caberia compreender em que medida os agentes midiáticos aderem num contexto ou noutro ao que setores governamentais

orquestram – com interesses e estratégias próprias – mas isto foi comentado anteriormente de modo breve e um exame minucioso foge ao escopo deste texto. O que se viu foi a intenção de manter um híbrido entre proposta de futuro (“o crescimento será vigoroso; os postos de trabalho serão recuperados”) e o desenvolvimento em ato no presente (“o Brasil já retomou o trilho do desenvolvimento”). Eventualmente, falas no tempo futuro são usadas propositadamente, tal como Barreira (2017) comentou ser crucial para promessas.

Esta locução, que nos recorda ao “dizer é fazer” de Austin (Peirano, 2001), obedeceu a certos traçados. Temer, Meirelles ou outras personagens do governo federal apareceram a cada certo tempo na mídia falando dos sinais de recuperação da economia, ainda fracos, e mudavam ligeiramente a ênfase para falar do mesmo problema, a ‘recuperação da economia’, a ‘volta do crescimento’, ‘trilho do desenvolvimento’, etc. Certa vez trata-se do crescimento do PIB, em outra é desemprego a ser superado, na terceira é aquecimento da produção industrial ou do agronegócio. A fala é matéria prima dos políticos, bem observou Abreu (2005). Estamos em face de uma espécie de rede de relações discursivas que cercam e procuram dar alguma coesão ao problema, mesmo que eventualmente apareça haver dispersão. Como Barreira (2017) e também Villela e Marques (2002) examinaram, promessas são centrais na atividade dos políticos em eleições, mas o caso sugere que esteve entre discursos vazios, embora com apelos técnicos e jargões do economês, gravitando em torno do desenvolvimento, enquanto o vem e vai, ou o sobe e desce, da economia não dava lastro para o governo. O que entendo ter havido de fato foi um alinhamento liberal com máscara que se valia, mesmo a distância e no plano do discurso, do desenvolvimentismo.

A constante dificuldade de dar sentido a sua principal orquestração como governante – recuperar a economia – minou as possibilidades do MDB para uma disputa séria pela presidência em 2018? Este certamente não é o único – talvez sequer o mais importante – fator. O crescimento substancial da simpatia e da adesão entre o eleitorado brasileiro de um candidato que não tinha plano econômico claro deu sinais de que o pleito se resolveria por outras vias. Sendo o presidente mais impopular desde Fernando Collor, parecia não haver outra possibilidade para Temer além de forte investimento na imagem ou em lançar um candidato para que o governo tivesse ao menos alguma presença nas eleições.

#### 4 Considerações finais: mordomo do capeta ou Tiradentes?

Falar é antes de tudo deter o poder de falar. [...] Palavra e poder mantêm relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro.

Pierre Clastres, *A Sociedade contra o Estado*

Por todo o período em que se procurou dar créditos às melhorias de governo na área econômica, tanto Temer como Meirelles não encontraram facilidades. Já em janeiro de 2018 o jornal Valor<sup>xvii</sup> noticiou que Temer começa um trabalho de recomposição de sua imagem, pois a investigação sobre corrupção no caso dos portos, mais o célebre ‘homem da mala’ ligado a sua figura, não ajudavam. Afirmou que “há uma tentativa brutal de desmoralizar o presidente”. Segundo Temer, ele estava sendo mal entendido. “Neste ano, vou me dedicar, entre outras reformas, à minha recuperação moral”. Nem isto parece ter ocorrido bem e ainda fornecia combustível para os adversários políticos que, entretanto, não obtinham tanto sucesso quanto a complexa rede que se instaurou e se empenhou para condenar o ex presidente Lula. De um lado e de outro, choviam acusações. Tal com Tambiah (1997) argumentou, a tática de demonizar o outro em política pode ser um tanto eficaz.

No ápice do julgamento de Lula em Porto Alegre, manifestantes mantinham bom humor e simultânea indignação na guarda ao ex mandatário enquanto o presidente Michel era alvo de toda sorte de injúrias. Bolsonaro não saía às ruas por medo, confessou; o juiz Moro era tachado de Belzebu com gel no cabelo e, para Temer, sobrava o mais serviçal ‘mordomo do capeta’, reportava a Folha de São Paulo no dia 24/01//2018. Ao passo que – interessante notar – o ‘homem do mercado’ Henrique Meirelles certamente era poupado, quem sabe os ares de técnico economista (além de ter feito parte do governo Lula no passado) lhe colocavam entre parênteses neste momento politizado, deixando na berlinda os mais evidentes da tropa de choque do governo e seus aliados. Esta mesma característica pode ter ajudado a lhe prejudicar numa eleição tão polarizada e marcada por frases de vingança e ódio.

Com efeito ou não em termos político-eleitorais, a tentativa do presidente de recuperar sua moral era insistida e num simbólico dia 20 de abril de 2018 Michel Temer vai ao ar em cadeia nacional de rádio e TV para falar dos ganhos à população durante seu governo. Num lampejo, podemos dizer que há a recusa a alcunha de ‘mordomo do

capeta' e, após se defender das críticas e mostrar seu “legado”, menciona Tiradentes, este homem injustiçado em seu tempo. Tal justaposição, intencional ou não, criou uma atmosfera de comparação um tanto bizarra. Do que tratava esta menção num momento como este por parte do presidente?

Não é de se surpreender que foi num momento anterior, no dia 17 de agosto de 2017 ainda durante sua Caravana pelo Nordeste do Brasil que Lula recorre ao mesmo artifício, relatada pelo UOL notícias:

"Esse cidadão, em 1792, foi enforcado. Além disso, foi esquartejado, cortaram a carne e salgaram. Isso para que ninguém nunca mais ousasse gritar pela independência. Mas em 1822, a independência foi conquistada. Não importa se foi um acordo, um conchavo. Aí vem a proclamação da República. E eles fizeram ver que não tinham referência heroica. E quem eles vão buscar? Aqueles que eles mataram em 1792. Foi a mesma elite que foi pegar esse amaldiçoado para garantir apoio do povo à Proclamação", disse.

Em seguida, Lula citou a si mesmo e disse não ter medo da Justiça. "Por que eu digo isso? Porque a perseguição que eles estão em mim não me põe medo. Eu estou com medo das milhões de crianças que estão ficando desnutridas. Porque o Brasil voltou ao mapa da fome, virou motivo de gozação no exterior. Queria dizer a eles que a ideia da liberdade, a ideia de democracia, de participação social é muito forte", falou<sup>xviii</sup>.

Tanto um como outro recorrem à pessoa singular, à pessoa mítica, e ambos os casos também juntam uma dimensão de injustiça ao problema (da falta) do desenvolvimento. Esta associação não pode ser fortuita neste momento do país.

Gilberto Velho, num texto do início da década de 1990, havia chamado atenção para as performances do então presidente do Brasil Fernando Collor de Mello e o tom de messianismo presente, ou seja, a concepção de que certos indivíduos são alçados a resolver a vida social e a história de um povo (Velho, 1990).

Tal alinhamento liberal com máscara que se vale do desenvolvimentismo no governo Temer e na candidatura de Meirelles foi uma combinação que embalou a cena anterior às campanhas para a eleição, e para isto contou com o fato da linguagem do desenvolvimento no Brasil ser tão permissiva que se pode não opor a (neo)liberalismo, mas não foi suficiente. Contudo, quem encarnou o desejo messiânico parece ter sido outro candidato, para quem desenvolvimento era uma palavra muito pouco falada antes ou durante a campanha.

Nem Temer nem Meirelles conseguiram sucesso nesta direção e Lula foi impedido de concorrer no pleito de 2018. Ao assumir, no primeiro dia após a inscrição de sua candidatura, o papel de quem foi ministro e diretor do Banco Central do Brasil

em dois governos de partidos distintos – sendo chamado para resolver crises –, Meirelles iniciou a campanha oficial com o discurso de quem fala do ponto de vista de economista. Num dos primeiros programas do horário eleitoral na TV afirmou que foi chamado por Lula em seu governo, mesmo não tendo votado nele; e aceitou assumir dizendo que era preciso separar política e economia. Sua estratégia foi orientada em focar o governo no crescimento econômico. Não decolou, tanto sua campanha como a economia que ele gostaria de ver em ascensão. Não conseguiu fazer valer do ponto de vista eleitoral sua marca principal e fica a indagação sobre como um assunto em geral indispensável nos pleitos eleitorais ficou tão pouco mencionado<sup>8</sup>. Além disso, sua imagem acoplada ao governo Temer foi muito pouco apelativa a um público que viu o debate eleitoral se polarizar e acirrar. O vencedor do 1º turno das eleições para presidente, Bolsonaro, fez uma campanha com quase nenhum plano concreto para economia e com debate esvaziado em quaisquer outros projetos.

De maneira derradeira, no dia 3 de outubro, poucos dias antes do primeiro turno das eleições, o jornal Zero Hora informou que os apoiadores de Meirelles no Rio Grande Sul lhe haviam deixado para apoiar Bolsonaro. Mostrando que, como Palmeira sugeriu (1996), as facções e lealdades estão dadas por vínculos que podem se reordenar nas campanhas, as rearticulações da adesão pouco a pouco foram se tornando mais explícitas. Meirelles terminou o pleito com aproximadamente 1,2% dos votos válidos.

## Referências

- ABREU, Luiz E. A troca das palavras e a troca das coisas. Política e linguagem no Congresso Nacional. *Mana*, v. 11, n. 2, p. 329-356, 2005.
- BALANDIER, George. *O poder em cena*. Brasília: Ed. UnB, 1982.
- BARREIRA, Irllys. Chuva de papeis. *Ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil*. Rio: Relume dumará, 1998.
- \_\_\_\_\_. Promessas para a cidade em tempo de campanha eleitoral. *Revista Pós Ciências Sociais*, 14 (27), p. 53-75, jan/jun 2017.
- BIROLI, Flavia. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. *Cadernos Pagu*, 34, jan/jun. p. 269-299, 2010.

---

<sup>8</sup> Recordar-se que, mesmo assim, é possível conjecturar que, para além a insuficiência do debate em torno de qual desenvolvimento na candidatura de Jair Bolsonaro, a de Fernando Haddad representava um projeto para o Brasil e, se é verdade, esta tem parte da sua estruturação em um tipo de orientação sobre o desenvolvimento.

- CALDEIRA, Teresa do Rio. *A política dos outros*. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensando do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CERVI, E. U.; MASSUCHIN, M. G.; TAVARES, C. Q. Agenda da mídia, dos políticos e do público na campanha eleitoral de 2010. *Revista Debates*, v. 6, n. 1, p. 237–261, 2012.
- CHAVES, Christine. Um tribunal de opiniões na guerra de interpretações. In: Teixeira, C.; Chaves, C. *Espaços e tempos da política*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004. p.109-122.
- COMERFORD, John C. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.
- CUNHA, Olivia. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, v. 10, n.2, p. 287-322, 2004.
- DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. *Horizontes Antropológicos*, v.19, n.40, 2013.
- DAWSEY, John. Por uma antropologia benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático. *Mana*, v. 15 n. 2, p. 349-376, 2009.
- ESTEVA, Gustavo. Development. In: Sachs, W. (Ed.). *The development dictionary: a guide to knowledge as power*. Londres, Zed Books, p. 6-25, 1992.
- GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In: \_\_\_\_\_. *O saber local*. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 182-219.
- GIUMBELLI, Emerson; BOSISIO, I. A política de um monumento: as muitas imagens do cristo Redentor. *Debates do NER*, 2, n. 18, p. 193-210, 2010.
- GOLDMAN, Marcio; CRUZ DA SILVA, A. Por que se perde uma eleição? In: Goldman, M. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.145-166.
- KOPPER, Moises; SANDER, Arlei. A emergência e evanescência da nova classe média brasileira. *Horizontes Antropológicos*, v.24 n.50, 2018.
- KUSCHNIR, Karina. *Eleições e representação no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- MIGUEL, L. F. Discursos cruzados: telenoticiários, HPEG e a construção da agenda eleitoral. *Sociologias*, n.11, Porto Alegre, jan./jun. 2004.
- ORO, Ari; CARVALHO Jr, E. Eleições gerais de 2014: religião e política no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, ano 16, n. 27, p. 145-171, 2015.
- PALMEIRA, Moacir. Política, facções e voto. In: Goldman, M.; Palmeira, M. (Org.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 1996. p. 41-56.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Os comícios e a política de facções. *Anuário Antropológico*, n. 94, p. 31-94, 1995.
- PEIRANO, Mariza. Prefácio. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 7-14.

RADOMSKY, Guilherme F. W. Discursos sobre modernização e desenvolvimento nas eleições municipais: uma análise do HGPE de Porto Alegre, 2016. *Século XXI - Revista de Ciências Sociais*, v. 7, p. 35-65, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RIBEIRO, Gustavo L. Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 80, pp. 109-125, 2008.

RIST, Gilbert. Development as a buzzword. *Development in practice*, v. 17. n. 4-5, p. 485-491, 2007.

RODRIGUES, M.R.; BARROS, A.T.; BERNARDES, C. Vozes sociais na imprensa: a sociedade no noticiário político. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v.47, n. 2, p.16-62,2016.

SAHLINS, Marshal. *Historical metaphors and mythical realities: structure in the early history of the sandwich islands kingdom*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *História e cultura: apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006.

SILVA, Camila; FERNANDES, Eduardo G. Ciclo de protestos de 2013: construção midiática das *performances* de contestação. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 53, n. 2, p. 202-215, mai/ago 2017.

TAMBLIAH, Stanley. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1997.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niteroi, Ed. UFF, 2008.

VELHO, Gilberto. A vitória de Collor: uma análise antropológica. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 26, p. 44-47, março 1990.

VILLELA, Jorge M.; MARQUES, Ana C. Sobre circulação de recursos nas eleições municipais no sertão de Pernambuco. In: Heredia, Beatriz; Teixeira, Carla; Barreira, Irllys. (Org.). *Como se fazem eleições no Brasil*. Rio: Relume dumará, 2002. p. 63-101.

---

<sup>i</sup> <http://www.correiopovo.com.br/Noticias/Politica/2017/08/626233/Aliados-de-Temer-minam-pretensao-de-Meirelles>

<sup>ii</sup> <http://www.correiopovo.com.br/Noticias/Politica/2017/09/627491/Brasil-esta-voltando-para-o-trilho-do-desenvolvimento,-diz-Temer-na-China>

<sup>iii</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/12/1941673-temer-que-acelerar-retomada-com-pacote-de-bondades-para-empresas.shtml>

<sup>iv</sup> <http://www.valor.com.br/politica/5247721/diante-de-evangelicos-meirelles-participa-de-oracao-e-prega-reformas>

<sup>v</sup> <http://www.valor.com.br/brasil/5257257/meirelles-cre-na-criacao-de-25-milhoes-de-postos-de-trabalho-em-2018>

<sup>vi</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1952924-em-davos-temer-vende-reformas-e-promete-estabilidade-apos-eleicao.shtml>

---

<sup>vii</sup> <http://www.valor.com.br/politica/5390755/temer-equilibrio-fiscal-resulta-na-queda-da-inflacao-e-dos-juros>

<sup>viii</sup> <http://www.valor.com.br/politica/5359133/meirelles-com-o-tempo-todos-vao-sentir-os-efeitos-do-brasil-crescendo>

<sup>ix</sup> <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,familias-retomam-habitos-de-consumo-da-fase-pre-crise,70002223259>

<sup>x</sup> <http://www.valor.com.br/brasil/5375403/ipca-e-boa-noticia-e-mostra-direcao-correta-afirma-meirelles>

<sup>xi</sup> <http://www.valor.com.br/politica/5390755/temer-equilibrio-fiscal-resulta-na-queda-da-inflacao-e-dos-juros>

<sup>xii</sup> <http://atarde.uol.com.br/politica/noticias/1944001-temer-ja-avisa-aliados-que-vai-disputar-reeleicao>

<sup>xiii</sup> [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/04/04/internas\\_economia,670870/producao-da-industria-cresce-0-2-em-fevereiro-apos-queda-em-janeiro.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/04/04/internas_economia,670870/producao-da-industria-cresce-0-2-em-fevereiro-apos-queda-em-janeiro.shtml)

<sup>xiv</sup> <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Economia/2018/04/647264/Desigualdade-piora-em-4-das-5-grandes-regioes-do-Pais-em-2017,-diz-IBGE>

<sup>xv</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/06/situacao-do-pais-piorou-para-72-da-populacao-aponta-datafolha.shtml>

<sup>xvi</sup> <http://www.valor.com.br/brasil/5584873/mercado-ve-inflacao-maior-em-2018-e-2019-e-economia-perder-impeto>

<sup>xvii</sup> <http://www.valor.com.br/politica/5269903/jornal-temer-cita-tentativa-brutal-de-desmoralizar-o-presidente>

<sup>xviii</sup> Todo o trecho é notícia do UOL, em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/08/17/lula-se-compara-a-tiradentes-e-diz-nao-ser-o-problema-do-pais-se-fosse-me-matava.htm>